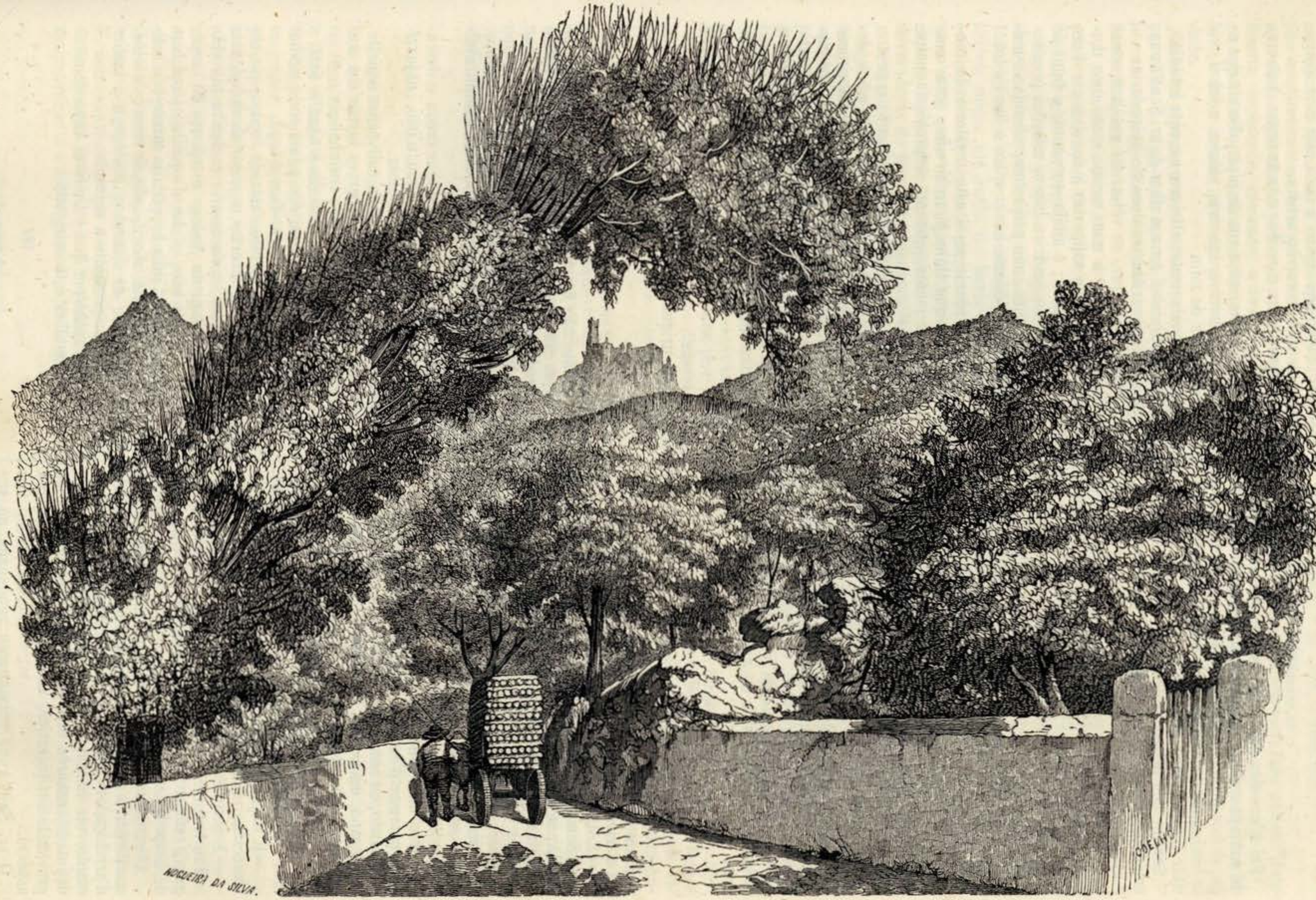


Palacio acastellado da Pena, em Cintra, visto da estrada de Collares. — Desenho de Nogueira da Silva. — Gravura de Coelho.

PARA CINTRA, EM CINTRA, E VINDO DE CINTRA.

I.

NA CARRUAGEM.

Foi n'um dos ardentes, mas bellos dias de julho do anno passado, que, eu e um meu particular amigo, démos principio á realisação do projecto, ha muito lembrado, discutido, combinado e desejado, de visitar Cintra, como artistas.

Seriam dez horas, pouco mais ou menos, quando engaiolando-nos n'uma detestavel carruagem, nós e a nossa pequena bagagem, que constava apenas d'algumas camisas, ceroulas, meias, uma capa, dois paletots, um album e embrulho de diversos artigos de desenho, nos fizemos caminho do epico paraiso.

A viagem nada teve, para mim, de notavel nem d'agradavel, a não ser umas terriveis dores de cabeça, que, durante toda ella, me não largaram nunca, os continuos e ruidosos saltos e oscillações da carruagem, e o desejo vehemente, o mais febril que hei tido na minha vida, de ver chegado o momento, unico que me sorria então ao espirito, de apear-me do tormentoso trem, por tudo o que, ainda nos preliminares da viagem, preliminarmente pensava eu já no fim, e perguntava repetidas vezes ao meu companheiro:

—Na volta iremos tambem de carruagem?

Em quanto ás impressões d'este, nada posso dizer, porque nunca m'as revelou. O silencio d'um viajante é sempre a expressão do trabalho mudo d'intimas reflexões. Respeitei-lh'o na viagem e depois da viagem.

II.

O SR. SANT'ANNA E SUA MULHER.

Eram trez horas quando entrámos na villa de Cintra e parámos á porta d'um pateo ajardinado.

—Então sempre? disse eu ao meu companheiro.

—Sempre: estamos á porta da hospedaria do Sant'Anna.

Dei um grito d'alegria, tão forte, que espantei os proprios cavallos.

Parece-me que não careço dizer que fui o primeiro a apear-me; o meu companheiro saltou logo atraz, e, por entre uma ala de burriqueiros, desafinando horrivelmente na toada dos seus offerecimentos, descemos uma brevissima escada de pedra.

No patamar d'esta escada, especie de mirante, estava sentado, ou antes, repimpado n'uma tripeça, se não me engano, um bojudo filho d'Eva, que representava integralmente o tonel encarnado na humanidade. Tinha a barriga d'uma pipa, as bochechas d'uma desenvolvida abobora menina, por sobre as quaes espreitava e luzia um penetrante e arreliador olho gazeo.

—É o paliteiro da hospedaria? perguntei eu em francez ao meu amigo.

—É o sr. Sant'Anna.

Tão excentrico nas maneiras, como exotico na figura, este sr. Sant'Anna não me pareceu um dono de hospedaria.

Afigurou-se-me um d'esses raros individuos que não sacrificam o seu caracter natural ao ridiculo cortejo d'arrebicados comprimentos e saudações que, por exemplo, um barão, um millionario, um ministro, ou deputado, saborêa com as delicias do triumpho, na gravidade aristocratica, calculada e irrisoria do seu aspecto.

O sr. Sant'Anna permaneceu repimpado na sua tripeça, e, apenas com um leve sorriso, que uma dama madura classificaria de *gaiato*, se limitou a estender-nos a corpulenta e arredondada mão, que só pude apalpar e não apertar, dizendo para o meu companheiro, mas fixando o olho gazeo sobre mim:

—Então por cá?...

—É verdade. Aqui estou e mais este meu amigo. Vimos fazer uma excursão artista.

O sr. Sant'Anna pareceu mascar estas palavras «excursão artista».

N'este momento, uma voz de pipia, d'estas que se mettem pelos ouvidos, incisiva, voluvel e febril, vibrou por detraz de mim.

Voltei-me rapidamente, e dei com um ente feminino, que eu logo adivinhei ser a mulher do sr. Sant'Anna, porque era uma verdadeira dona de hospedaria.

A primeira idéa que, ao vêl-a, me assaltou seriamente, foi perguntar a mim mesmo como uma mulher tão magra podia supportar a convivencia d'um homem tão volumoso; e ainda que entre o funil de folha e o tonel de madeira hajam relações precisas e naturaes, comtudo, não podia comprehender a maneira por que as podesse haver entre o funil e tonel de carne.

Resolvi-me a reunir mais este mysterio da mulher aos muitos que tinha já archivados, para o estudar depois de jantar, que era o problema palpitante do meu estomago.

—Então, querem jantar, não é assim? perguntou finalmente a sr.ª Henriqueta, esfregando as mãos, depois de se ter desfeito n'aquelles servis comprimentos, saudações, risos; gargalhadas e outras manifestações d'alegria, com que um dono (a não ser o tio Sant'Anna), ou dona de hospedaria recebe todos os hospedes que lhe pagam bem.

—Exactamente, respondi eu, fallando pela primeira vez.

Foi a resposta que, na minha vida, tenho dado mais a tempo.

A sr.ª Henriqueta fez uma piroeta, e sumiu-se.

III.

REFLEXÕES PHILOSOPHICAS.

Em quanto não nos vieram chamar, o meu amigo occupou-se em admirar os contornos garbosos d'uma joven lavadeira, que exercia o seu mister no tanque do pateo, e eu nas seguintes reflexões:

Eis-aqui um estabelecimento onde reina a justiça, e a divisão do trabalho está introduzida e admiravelmente observada.

Naturalmente foi o marido que o creou e desenvolveu, e em quanto se empregou n'isto, naturalmente tambem, descançou a mulher.

Agora é justo que trabalhe esta e descance aquelle.

O homem nasceu para receber os lucros e a mulher para os cozinhar, ou fazer cozinhal-os.

Por isso esta foi para a cozinha e aquelle ficou á porta, que n'uma hospedaria é o ponto onde melhor se podem contar e embargar-lhes a fuga.

Para contar e vigiar esta casta de lucros, que entram desejados, mas incertos, e saem chorados, mas sempre inesperados, é necessario exclusiva attenção e vigilancia do espirito, socego e repouso do corpo, que sem os d'este não os ha d'aquelle; para bem dirigir o expediente d'uma hospedaria carece-se d'actividade, de movimento, d'agilidade, de risos e de labia.

A simplificação de funcções protege a primeira obrigação, e compromette a segunda.

Ahi está a razão por que o tio Sant'Anna se mexe pouco, e a mulher é tão sirigaita.

IV.

Á MESA.

Ha mesas alphabeticas, mas pouco arithmeticas, e ha mesas arithmeticas, mas pouco alphabeticas.

Por muito acostumado, mas não affeiçoado, assistia eu sempre a esta permanente guerra entre as quantidades positivas e as quantidades variaveis, com a resignação illimitada d'um pio abstinente, supposto não comprehendesse bem porque as fecundas combinações da algebra não podiam applicar-se á arte culinaria, esperando, comtudo, o auspicioso momento em que a solução estomacal d'este beneficente problema fosse achada por algum amigo da humanidade.

Não ha esperança sem fartança, parece-me que diz um rifão, ou digo-o eu agora: a minha teve um generoso despacho. Esse desejado amigo encontrei-o, finalmente, em Cintra.

A mesa do tio Sant'Anna é o exemplo mais persuasivo e triumphal dos mil e um modos por que o dinheiro póde ser engulido.

Era uma mesa ao mesmo tempo alphabetica e arithmetica; uma verdadeira mesa algebrica.

Assim como aos progressistas de certos grupos politicos, nunca até então me havia ainda parecido o seculo convenientemente preparado para apresentar uma mesa onde as minhas vocações socialistas podessem harmonisar praticamente com as vocações devoradoras do meu estomago.

Tive a intima satisfação d'estrear um dos muitos rasgos de liberalidade que as circunstancias me abafam, máo grado meu, confraternisando pela primeira vez com o pesado tributo que se paga n'uma hospedaria, de concorrer para sustentar, ingloria e improductivamente, os outros, onde, ás vezes, se encontra um incorrigivel patife que deseja tirar-nos os olhos; e na corrente caudalosa do meu enthusiasmo, estrabordou para sobre o meu amigo esta exclamação, de que não estou arrependido:

— Perdoae as parcellas do vosso dinheiro guizado que os nossos co-hospedes hão de já esta noite principiar a engulir, pelo bem que estas e as seguintes nos saberão.

E, para ver se não me enganava com as apparencias, e, não provar, mas comprovar de tudo quanto mais eloquentemente me fallava á vista e ao paladar, saltei logo sobre um de dois frangos talentosamente corados, que estavam proximos do meu prato, com aquelle furor gastronomico que fazia dizer aos criados:

— Come-lhe bem, benza-o Deus! Não temos cá visto muitos assim, não.

V.

APOTHEOSE DO MEU ESTOMAGO. — DESGOSTO UNICO. — EXPLICAÇÃO.

Jantei textualmente, isto é, algebricamente. O meu bolo alimentar era a equação reduzida da mesa do tio Sant'Anna.

Tive a habilidade de fazer comprehender ao meu estomago o admiravel discurso do meu paladar, sem empregar, durante todo elle, um só signal orthographico, sequer. Apenas usei do ponto final, mas, ao menos, em ultimo caso.

O unico desgosto, que n'este jantar me acompanhou, foi ver o meu amigo, obrigado pelo fastio, a apanhar todas as virgulas, pontos e virgulas, dois pontos, pontos d'interrogação, reticencias, parenthesis e pontos finaes, que eu desprezava.

Mas resignei-me ao soletrar-lhe no rosto o prazer intimo com que me via devorar.

Em quanto ás causas da ferocidade do meu estomago, remetto o leitor para o capitulo precedente.

VI.

PERGUNTAS E RESPOSTAS.

— Que faremos agora? disse o meu companheiro, quando nos levantámos da mesa, puxando pelo seu relogio. São cinco horas: é a hora propria para ir á estrada de Collares, o *Passeio-publico* e consultorio dos namorados, em Cintra. Acha-se disposto?

Tomei o album e os lapis, e respondi:

— Estou ás suas ordens.

— Para que é isso? observou o meu amigo. Hoje não devemos nem podemos já fazer cousa alguma.

— Para desenhar caricaturas, que é a abstracção predominante de meus passatempos.

O meu amigo sorriu, e partimos.

VII.

CONFISSÃO.

Como passo a fazer uso do ponto d'admiração, careço de confessar que ainda não tinha ido a Cintra. A arte não dá para viagens dispendiosas, e supposto não hajam difficuldades para quem quer e tem vontade, comtudo, o meu enthusiasmo pela poesia nunca foi capaz de me fazer andar dez legoas a pé e limitar á escholastica ração de queijo com pão, como faria um filho da Grão-Bretanha. Por este racionalissimo motivo, e porque tinha já de todo perdido as esperanças d'ir á minha custa, esperava eu visitar a fresca Cintra á custa d'outro, no que não me enganei, como estou provando.

VIII.

A ESTRADA DE COLLARES.

Atravessámos a villa, que nada offerece de notavel senão o palacio real, e entrámos na estrada de Collares.

Para bem fazer ver o quanto a disposição e vegetação fecundas, ora amenas, ora agrestes; as fontes crystallinas e os lagos placidos e alfombrados de viçosa relva; as paizagens, ora ternas e melancholicas, ora risonhas e voluptuosas, ora severas e imponentes, e os multiplicados e diversos horisontes que marginavam esta estrada, me prendiam o espirito, não encontro meio mais demonstrativo do que declarar que, desde o principio até ao fim, a percorri sempre em permanente rodar, descrevendo circulos continuos!

Foi a meio da descripção d'um d'estes circulos, que deparei com o panorama mais pittoresco, pelo capricho da disposição, que n'aquella occasião admirámos.

Um chopo colossal, inclinado pelo peso e pelos annos, se erguia junto a uma fonte na margem esquerda da estrada, e terminava em fórma d'arco, á maneira dos chorões, formando uma especie de gruta ou sanctuario, no centro do qual, o palacio acastellado da Pena, colorido pelos magicos reflexos com que o sol se despede, despontava longinquamente por entre uma quebrada das serras convisinhas.

Namorou-me, desde logo, o lapis; e, visto que no meio da estrada não havia assento, e só d'ahi o capricho da paizagem se ostentava no seu maximo, convidei o meu amigo a servir de cavallete, funcção que desempenhou com toda a valentia e firmeza d'uma estatua; collei o album ao seu hombro esquerdo, e dei começo ao desenho, que conclui, milagrosamente, no momento em que o sol nos dizia o seu ultimo adeus.

O meu companheiro, que é um d'esses raros amadores intelligentes da arte, deu-me um abraço tão forte, que me provocou uns soluços, que só terminaram quando me fui deitar.

(Continúa n'um dos proximos numeros).

NOGUEIRA DA SILVA.

OS PHILOSOPHOS ANTIGOS, A MORAL, E OS TEMPOS MODERNOS.

Um dos variados pontos para que os antigos sabios mais dirigiam as suas observações, era o estudo especulativo e pratico da moral.

Existindo em epochas que não admittiam, como hoje, na palavra a ausencia da acção; em que a voz eloquente da virtude attrahia o povo aos porticos, e colhia proselytos, os philosophos da antiguidade esforçavam-se por domar ás leis da theoria, da razão e da justiça, todas as paixões naturaes que, em momentos d'excitação, atacam e devoram pela raiz o raciocinio, desviam o homem do caminho da honra, e o precipitam, muitas vezes, no abysmo da ferocidade.

Viver litteralmente ligados ás leis que prégavam, mostrar que sciencia e pratica não são cousas incompativeis, foi como um segundo problema que elles resolveram com o proprio exemplo.

Lucrava muito a sociedade com taes estudos, mas muito mais com taes homens, porque a lição theorica pouco aproveita ao vulgo, tendente sempre a classificar os preceitos moraes dos philosophos como sobrenaturaes, malicioso subterfugio que, por fim, se acceita sinceramente como axioma, como expressão da verdade, se ninguem pratica esses preceitos.

Effectivamente: a palavra despida d'acção, obra á similhança d'uma bala atirada contra grossa lamina d'aço, que, resvalando, fere e mata o proprio que a despediu: o preceito e o auctor cáem no ridiculo, e similhante ridiculo traz comsigo uma consequencia mais funesta ainda, qual é a desmoralisação publica.

Na verdade: quem se reputa moralmente obrigado a observar leis que seus proprios auctores são os primeiros a postergar? Para o ignorante, sobre todos, que não comprehende, ou não sabe deduzir a razão e utilidade do preceito moral, que fé lhe inspirará, ou que proveito poderá reconhecer-lhe, quando desacompanhada da demonstração que todos entendem, que a todos fere, que a todos compenetra, isto é, da acção, da pratica, do exemplo? Como poderá o povo acreditar na utilidade de uma conducta, de um certo systema de vida, não observado por os que o aconselham, e nos quaes suppõem intelligencia de mais para não se enganarem em seus interesses physicos e moraes, que melhor convem á vida intima e social?

A palavra, porém, demonstrada pela acção, é como o sol que alumia a todos: seus intensos, indestructiveis e infinitos raios penetram desde o estimulo do mais humilde cidadão, até aos estimulos difficeis dos mais opulentos e engrandecidos da terra: porque ninguem deixa de nutrir desejos, com mais ou menos vehemencia, de se pôr ao nivel d'aquelles que o publico admira, mórmente quando, para ganhar esse nivel, bastam, apenas, vontade e resolução, habilitações que, na verdade, todos tem, ou podem adquirir sem dependencia exterior.

O systema que os antigos philosophos seguiam de ensinar a moral pela palavra fallada e publica, não era menos rico de vantagens para a illustração e moralisação publica.

A imprensa, que nos tempos modernos o substitue com superiores e infinitas vantagens em todos os outros pontos, não é tão util ou fecunda em fructos na especialidade das sciencias moraes, como se pensa e apregoa, nem o será em quanto o povo todo não ler, e souber ler, isto é, em quanto o povo todo, além de conhecer as letras, as syllabas, as palavras e a pontuação, não conquistar toda a sciencia que habilita a comprehender a origem das razões, sua deducção relativa e absoluta, a sentir a força d'um argumento e de uma imagem; não souber, em fim, ou não póder, lendo, tornar-se tão senhor da materia, tão convicto e eloquente, como o auctor do livro estava quando o concebeu e escreveu.

Ainda assim saber lêr d'este modo não predomina tão efficazmente sobre nós com aquella energia que faz do discurso o melhor despertador da convicção e do enthusiasmo, e do companheiro e amigo virtuoso e illustrado, o medicamento heroico, e menos amargo, contra os vicios de nossa alma e coração.

O orador e o amigo arrebatam e convencem mais, e sempre, por uma razão dupla e intimamente ligada, qual é a da tendencia natural que nós todos temos em seguir os movimentos e impressões, de nos possuirmos do calor e persuasão de quem nos exhorta, de quem nos chama para si, de quem nos falla directamente á alma e ao coração.

De todas estas circunstancias, portanto, e da frequencia continua e estavel das lições, brotava a sympathia dos discipulos e ouvintes para com os philosophos, a familiarisação com a doutrina e com a pratica.

Um meio de mais aproximadamente achar a verdade, e que o livro não póde offerecer, usavam os philosophos, abrindo palestras, depois de haverem exposto, explicado e demonstrado as suas theorias.

O discipulo ou ouvinte que as não tinha comprehendido bem, ou lhe pareciam deficientes, ou erroneas, apresentava as suas duvidas, a que os philosophos respondiam.

Com estes argumentos exercitava-se a memoria, a imaginação e a razão dos interlocutores, que, assim, aprendiam a fallar, discutir, e serem sagazes; solidificava-se mais a doutrina, e cada um saía convicto e firme no seu juizo, succulentos fructos que o leitor não colhe.

Foi, talvez, pelas causas expostas que os philosophos da antiguidade oravam e praticavam mais do que escreviam, e que, quando escreviam, preferiam antes expor os exemplos de virtudes, colhidos nas acções dos seus collegas, amigos, e outros personagens, como armas que melhor ferem o desmoralisado, que certeiramente apontam ao estimulo, ao amor proprio, ao orgulho, e não dão treguas e replica alguma, que todos vêem pelo mesmo prisma, do que divagar pelo abstracto das theorias, onde o raciocinio muitas vezes se perde, e cada um vasa a sua hypothese ou interpretação.

Unico modo, unica logica, unica theoria de escrever moral!

Quem seria tão louco, tão inconsequente, que se atrevesse a rir ou oppor duvidas, a classsifiar de sobrenatural, ou, ironicamente, de *lindas theorias*, este periodo de Plutarco, no seu escripto intitulado — *Como se deve reprimir a colera?*

« Porque o primeiro meio de que nos devemos servir para vencer a colera, que, desgraçadamente, tão grande, tão absoluto imperio exerce sobre a alma, é resistir corajosamente ás suas primeiras impressões. Sê surdo á sua voz. Quando ella pretender fazer-vos desatar em choros, em gritos, em murmurios, enfurecer-vos até ao ponto, muitas vezes, de vos ferirdes, emmudecei. Nenhum d'estes falsos desafogos serve senão para atear o fogo d'aquella tyrannica paixão. »

Se este conselho, se esta lei moral, não é mais do que a traducção, em palavras, d'um facto, d'um exemplo d'um homem; se este periodo é precedido d'est'outro:

« Quando Socrates apercebia sua alma agitada por alguma emoção extraordinaria e prestes a romper contra alguns dos seus amigos, é que, por meio d'um generoso esforço, abrandava mais o tom de sua voz, dando ao rosto um ar festivo e risonho. Eis como o

sublime philosopho reprimia os primeiros movimentos da imperiosa paixão que pretendia dominal-o. »

Não seria muito para desejar que nos tempos modernos apparecessem philosophos da tempera dos antigos a preleccionar e a praticar publicamente a moral, ou que, pelo menos, nos livros que sobre esta se escrevessem, se adoptasse o systema de formular a doutrina sobre os exemplos, e não de crear doutrinas para despertar exemplos, o que, parece-nos, jámais fará?

Dir-nos-hão que por este systema é, hoje, impossivel escrever um livro de moral, porque não haveria com que encher uma pagina?

N'esse ponto nos calâmos já.

SILENCIO.



O ministerio do reino da Lua. — Desenho d'Annunciação. — Gravura de Pedroso.

O curioso desenho, que hoje apresentâmos, representa uma scena politica da lua, que o auctor archivou no seu album, n'uma excursão artistica que vem de fazer áquelle astro.

É um ministerio de salvaterio entrando no exercicio das suas funcções, entre a familia canino-lunar.

Como já se vê, ou conclue, segundo o ocular testimunho do nosso arrojado viajante, os habitantes da lua são uma especie de cães muito parecidos com os gozos das nossas aldeas, que vivem constituidos sob uma fórma politica assaz similhante á das sociedades humanas.

O artista chegou á lua n'um momento de crise ministerial. Encontrou um prodigioso numero de cães em *meeting*, discutindo acaloradamente os individuos mais habilitados, energicos e honrados que estavam no caso de salvar o paiz dos tristes apuros a que aturadas revoluções intestinas e sorvedouras administrações o tinham feito chegar. Esperou, portanto, que se constituisse o novo ministerio, o qual seguiu, depois, vivamente excitado pela curiosidade, passo a passo, com o lapis na mão.

A primeira cousa que viu fazer ao presidente, que é aquelle branquinho, quando entraram no gabinete do conselho, foi dirigir-se, com toda a precipitação d'um esfomeado, a um barril de lixo, cofre do estado, com o fim de encontrar alguns ossos; mas, infeliz presidente e infeliz ministerio! já não chegavam a tempo, nem sequer para roer os ossos!

O barril tomba e desfaz-se, mal lhe toca uma força que não esperava achal-o tão leve.

Signaes do maior desapontamento, que uma esperança illudida póde ter, assomam aos rostos dos diplomaticos animalejos. O ministro das finanças senta-se, e escora-se, como póde, nos braços, para não cair de desfallecimento, mal podendo respirar; o presidente, ainda incredulo, apalpa e rapa, pela vigesima vez, o fundo do arruinado cofre, que apenas, do que teve, apresenta vestigios; e o outro, que, por não ter mãos, havia pedido que lhe separassem e guardassem o seu quinhão, e chegava agora para o roer, parece antes estar desconfiado da fidelidade de seus companheiros (tal é a confiança que n'elles depositava!), do que surprehendido pela inesperada burla.

Pelo que diz respeito ao desenho, em presença da descripção, parece-nos muito correcto, verdadeiro, e superiormente chistoso.

NOGUEIRA DA SILVA.

Quando Philippe, rei de Macedonia, destruiu a cidade d'Olintho, a unica exprobração que lhe lançavam em rosto, era que elle não poderia jámais construir uma outra similhante. Eis uma resposta muito applicavel á colera. Esta abominavel paixão resolve e destrue tudo; mas reedificar e perdoar, é obra exclusiva da clemencia e da moderação. Não lhe pertence, nem o póde fazer. São actos de virtude que só pratica um Camillo, um Metellus e um Socrates, em quanto que morder e estrangular é o viver das feras.

A MULHER

NAS DIVERSAS RELAÇÕES DA FAMILIA E DA SOCIEDADE.

(*Paginas vertidas dos Apontamentos para um Livro*, de D. Severo Catalina).

I.

A EDUCAÇÃO.

I.

Pergunto:

Tem todas as mulheres egual caracter?

Respondo:

De letra, sim.

Se o caracter de letra vem a ser uma especie de retrato moral do individuo, convenhamos em que as mulheres são simplesmente cópias do mesmo original: esse original chama-se Eva.

Porém, não fallâmos do caracter de letra: fallâmos do caracter sobre o qual, contra o qual, ou a favor do qual exerce o seu vasto influxo a educação.

Rectifiquemos:

Onde disse *exerce*, leia-se *devêra exercer*.

Para escrever da mulher, dizia não sabemos que poeta, é preciso arrancar uma penna das azas do amor; para escrever da educação da mulher é preciso molhar a penna em sangue da alma, que tal nome dá Santo Agostinho ás lagrimas, essa penna arrancada das azas do amor.

Caracter! E quem o fórma? E quem o refórma?

Todas as mulheres são o mesmo: tem razão os que o acreditam.

Entre cada duas mulheres media um mundo: dizem verdade os que tal dizem.

A mulher é um ser indefinivel, porque é um ser ineducado.

A sua natural ternura produz a inconstancia; a sua natural debilidade produz o orgulho; a primeira é a sua arma offensiva; a segunda é a sua arma defensiva; em quanto a educação não lhe ensine a usar convenientemente d'essas armas, a infeliz mulher expõe-se todos os dias a suicidar-se com ellas.

A historia da humanidade não póde escrever-se em quanto a educação se limite a uma parte da humanidade.

O mundo, todavia, não sabe o que é a mulher, porque a sociedade fecha-lhe a bocca desde que nasce até que morre.

Que aprende hoje a mulher? Aprende, como diz um grande escriptor, a enganar-se constantemente, a não ter um sentimento que não afogue, uma opinião que não occulte, um pensamento que não disfarce.

Confessemos que isso não é educação: é verdadeiro estado excepcional; é bloqueio intellectual que oppõe a humanidade vigorosa e robusta á humanidade fraca e mudavel.

Todas as mulheres se parecem, são o mesmo.

De certo:

Como se parecem nas trevas todos os objectos, como se parecem todos os sons para o surdo, e todas as côres para os cegos.

Educae-as, desenvolvei o seu caracter, formae e reformae as suas inclinações, e a luz brotará para afugentar as trevas, e os objectos deixarão de ser identicos; dae ouvidos ao surdo, e os sons não lhe parecerão eguaes; dae vista ao cego, e observareis como distingue todas as côres.

Entre cada duas mulheres media um mundo.

De certo:

Como media entre dois sons toda a escala chromatica; como media entre dois temperamentos toda a natureza physica.

Educae-as: modificae os seus instinctos; soltae, ou reprimi, segundo convenha; modulae os sons; enfreae, até onde seja possivel, os temperamentos; e percebereis em breve a harmonia, e obtereis talvez a sympathica reciprocidade de caracteres oppostos.

E a educação deve considerar-se como a seiva da arvore da intelligencia e da arvore da virtude.

A educação é a vida.

II.

Quantos erros se commettem a proposito da educação!

Desçâmos á observação pratica; refiramo-nos desde já á actual sociedade.

A maior parte das pessoas confunde a educação com a instrucção.

É um erro gravissimo.

Ha homens instruidos que estão muito mal educados; ha, pelo contrario, muitos ignorantes que captivam pela sua *boa educação*. Apellâmos para a experiencia diaria.

Entre um sabio *sem fórmas sociaes* e um ignorante humilde e cortez, é mil vezes preferivel o ignorante.

A *educação* é de mais importancia do que a *instrucção*.

A primeira dirige-se principalmente ao coração; a segunda á intelligencia.

Eduquemos as mulheres, e instruamol-as depois, se ficar tempo.

E dizemos isto, porque a mulher precisa de educação especial nos diversos estados da vida.

A eschola das mães de familia, ensaiada não ha muitos annos em Hespanha, é um dos pensamentos mais grandiosos que póde conceber-se e realisar-se em beneficio da humanidade.

Porque, como disse um grande escriptor, educar um homem, é formar um individuo que não deixa nada atraz de si; educar uma mulher, é formar as gerações vindouras.

E, comtudo, em Hespanha, ou se confiam as meninas á direcção incerta de aias forasteiras, ou educa-as a mãe segundo Deus lhe dá a entender e a sua a ensinou.

D'onde se conclue que no ponto da educação feminil reina o empirismo mais absoluto, que é como se dissessemos, a mais bella desordem.

A humanidade progride por meios. A educação da mulher na metade do seculo XIX póde comparar-se apenas á que se dava e recebia na metade do seculo XVII, epocha das donas beatas e dos pagens ladinos.

Hoje, como d'antes, procede-se na educação por uma serie d'enganos.

A *menina* aprende a dissimular, e ensina mais tarde á mulher a *enganar*.

Aprende a affectar silencio, e esse germen de affectação produz logo o amargo fructo da mentira.

Aprende a estimar em muito os seus dotes de formosura e a sua condição de mulher; e essa sciencia perigosissima traz por legitimos corollarios a frivolidade e a inconstancia.

Dizem ás jovens que valem muito, e não lhes dizem quanto.

Avisam-nas de que ha grandes riscos na sociedade, e como armas entregam-lhes uma collecção de novellas, um piano, e cópia de phrases mais ou menos castiças e acceitaveis. Assim entram de ordinario no grande mundo as que vão ser mães de familia, e um dia hão de formar o coração de ou-

tros seres talvez mais desgraçados que ellas proprias.

A nuvem de lisonjas que cercou a *menina*, empana a atmosphera, e turva a vista da *mulher*.

A flor que lhe orna a cabeça, ou o adereço do collo, importam mais aos seus olhos que os pesadissimos livros de historia, e os indigestos de geographia. Talvez aos dezesete annos de idade julgue já o matrimonio como um passo razoavel e em extremo singelo. E naturalmente tem accessos de melancholia, e por alguns momentos enoja-a a existencia.

Essa idade póde considerar-se como a zona torrida na esphera da vida. Felizes os que a cruzam com boa dita!

III.

Pouco póde esperar-se de um paiz onde cada marido tem que educar sua esposa; onde apenas se distinguem de ordinario a carta escripta por uma senhora do tom e a carta escripta pela ultima das suas criadas.

O celebre economista Say disse, e com justiça, que pela educação das mulheres deve começar a dos homens; egual principio ficou tambem consignado pelo sabio Mirabeau.

Prova isto que, nos tempos de Say e de Mirabeau, não estava muito mais florescente do que hoje a educação da metade mais bella da juventude.

A humanidade é sempre a mesma. O homem, phisica e moralmente, excede em força e vigor á mulher; e alli onde está o excesso de força, está tambem o risco da oppressão: a superioridade n'este caso toca já nos limites da tyrannia.

E mais nobre, mais delicado e mais justo, que o homem *eduque*, do que o homem *avassalle* a mulher.

Se é rei da natureza, não esqueça que a mulher é a rainha. Não esqueça que a mulher foi sua mãe, e que é, ou ha de ser, a mãe de seus filhos.

Entre uma mulher *sem educar* e uma mulher *mal educada*, ha pouca distancia: a primeira não póde fazer *o bem*, a segunda fará irremissivelmente *o mal*.

A mulher despreoccupada, ou, como se diz commummente, incredula, figura-se-nos um ser inverosimil, absurdo, a negação de si mesmo.

Typo tal não deve existir; se existe, o que duvidâmos, será só uma manifestação lamentavel, uma fórma da *má educação*.

Quando se trata da educação das mulheres, caminha-se de anomalia em anomalia.

Quanto mais o homem abandona este ponto importantissimo da vida social, mais crescem as suas exigencias, mais rigorista, mais inflexivel se mostra.

Se se proporcionasse ás mulheres os meios de adquirir a millesima parte dos dotes moraes que n'ella se reclamam cada dia, menos lugubres seriam hoje as nossas apreciações.

Examinemos rapidamente:

Não as ensinaram a supportar um contratempo nem a privar-se d'um capricho, e querem que tenham condição aprazivel e tranquilla.

Não as ensinaram a obedecer, e estranha-se que sejam altivas.

Louvam-lhes constantemente as suas graças, exaggeram-lhes as posições, e levam a mal que sejam orgulhosas.

Affastam-nas dos pobres e dos desvalidos por medo de que não manchem a sua vestidura, e anhelam que sejam caritativas.

Disseram-lhes que é ter marido casarem-se, e criticam que se apressem a acceital-o.

Descrevem-lhes com negras côres a perfidia dos homens e a emulação das mulheres, e deploram que sejam egoistas.

Educaram-nas, finalmente, assim, e lamentam essa educação.

Quando se convencerão os paes de que a carreira de *mães de familia*, que devem dar a suas filhas, é mais longa, mais custosa, e mais difficil que a carreira de advogado, de medico ou de engenheiro, que proporcionam a seus filhos!

Porque, dizendo *educação*, não queremos dizer absolutamente *ensino*.

Se educar é preparar convenientemente para a vida ulterior, prepare-se a menina para ser mulher, e não para ser homem; cultivem-se ao mesmo tempo o seu coração e o seu espirito.

Com a leitura excitaes-lhe a curiosidade, com o piano agilitaes-lhe os dedos, com a historia e as linguas nutris-lhe o cerebro: quando e como lhe despertaes a alma?

A alma permanece adormecida.

A sociedade actual vive do *presente*, e como que educa para o presente: no dia em que eduque para o futuro, ficará resolvido o grande problema da educação, formulada desde agora n'estas singelas palavras: infundir e fortificar na mulher uma virtude illustrada mais poderosa do que os infortunios que a esperam, e mais doce e arrebatadora do que as seducções que a ameaçam.

Tem muita razão um grande poeta philosopho dos nossos dias, quando diz que a ignorancia é a orphandade da alma, e a educação uma verdadeira transfiguração, um *organismo scientifico* com que se modifica, e por vezes se suppre o organismo da natureza.

Que não esqueçam os paes esta maxima; que não a desmemoriem os governos, aos quaes cumpre proteger assiduamente os verdadeiros e legitimos progressos da civilisação!

Paes e governos procurem semear antes de tudo o germen da virtude: do coração á intelligencia é mais facil o caminho, que da intelligencia ao coração.

O primeiro e mais sasonado fructo que produz a boa educação, é a modestia.

A modestia póde considerar-se como a grande porta de ouro que impede a entrada do vicio e a saída da virtude.

(Continúa).

BRITO ARANHA.

Arcesisles tendo um dia convidado alguns estrangeiros e amigos para cear, quando se assentou á mesa notou que faltava pão. Perguntando a razão d'isto aos domesticos, estes lhe responderam que se haviam esquecido de o comprar. Qual de nós se não enfureceria com similhante negligencia? Pois Arcesisles apenas disse, voltando-se para os seus convidados e rindo-se: « Bem vêdes que é preciso ser muito mais sabio do que se pensa, para bem fornecer uma mesa. »

Não ha senão a avareza que pareça ser opposta a seu proprio contentamento. Com effeito: viu já alguem um goloso, porque é goloso, rejeitar ou abster-se de comer um bom petisco? Appareceu já algum bebedo, que por ser bebedo, largasse o uso do vinho? Não. Mas o avaro todos o vêem olhar para o ouro que recheia os seus cofres, como um deposito sagrado, no qual não ousa tocar!

GALERIA DOS HOMENS UTEIS.

PARMENTIER.

Antonio Agostinho Parmentier nasceu em Montdidier, na Picardia, a 17 d'agosto de 1737, d'uma familia pobre e honrada. Seu avô tinha sido maire da cidade, e seu pae um militar distincto. Perdeu este sendo ainda muito criança, ficando, com um irmão e uma irmã, a cargo de sua mãe, mulher de grande caracter, de espirito profundo e d'uma instrucção superior á das mulheres em geral. Em muitos dos seus escriptos, Parmentier faz o elogio de sua mãe, fallando com uma sensibilidade que a ambos honra. Como, por ser mui pobre, não podesse metter seu filho n'um collegio, esta boa e exemplar mãe, coadjuvada por um honesto ecclesiastico, ensinou ella mesma a seu filho os elementos da lingua que, com esta intenção, havia estudado. Suas lições de latim eram entrelaçadas d'excellentes preceitos de moral, que o discipulo jámais esqueceu.

Animado do desejo de ser promptamente util á sua familia, o joven Agostinho foi (1755) praticar n'uma botica de Montdidier, onde esteve pouco tempo, porque no anno seguinte (1756) um dos seus parentes, Simonet, pharmaceutico de Paris, o chamou ao seu estabelecimento para lhe cultivar as auspiciosas disposições. Depressa se abriu uma vasta carreira para o discipulo de Simonet. Rebentando a guerra de Hanowre, Parmentier partiu para o exercito, em 1757. O intendente geral do exercito, Chamounet, o grande philanthropo, e o celebre Bagen, pharmaceutico em chefe, reconhecendo-lhe larga vocação e inimitaveis qualidades moraes, elevaram rapidamente, mas com approvação de todos, o joven Parmentier ao grão de pharmaceutico em segundo. A habilidade, intrepidez e corajosa dedicação de que Parmentier deu brilhantes provas na epidemia que devastou o exercito, em breve justificaram tão prompta elevação. O severo e estoico Bayen tornou-se o melhor amigo do joven e ardente Parmentier, cuja vida inteira e trabalhos foram determinados por diversas circunstancias d'esta campanha, onde não só nos hospitaes se expoz ao perigo.



Parmentier.

Parmentier foi cinco vezes prisioneiro.

Durante um d'estes captiveiros é que Parmentier, tão rigorosamente detido e reduzido á ração dos prisioneiros, que só lhe davam batatas, em logar de se indignar contra este alimento de desconhecido uso, se poz philosophicamente a reflectir sobre a natureza e utilidade d'esta planta.

Foi, como o grande Howard, no fundo d'uma prisão, que Parmentier concebeu o primeiro pensamento do humanitario beneficio que o immortalisou.

Voltando a Paris (1763), Parmentier seguiu assiduamente os cursos de physica do abbade Vollet, de chimica dos irmãos Rouelle, dos quaes foi por algum tempo preparador, e, com Rosseau, as herborisações de Bernard de Jussieu. Era tal o seu ardor pelo estudo, que se privou do vinho, e limitou até os seus alimentos para comprar livros, seguir cursos e mandar alguns soccorros a sua mãe. Quando se esgotaram os recursos, foi como ajudante para uma pharmacia de Larou. Pouco tempo depois vaga na casa real dos Invalidos o logar de pharmaceutico, e Parmentier obtem-no em concurso (1765).

A habilidade e zelo do novo pharmaceutico, sua amabilidade e espirito sagaz, mas nunca satyrico, conquistaram o coração de todos. Era querido dos soldados e das irmãs do hospital, pelo menos até á epocha em que recebeu, como recompensa de seus trabalhos e de sua antiguidade, o alvará de boticario-mór, que o fixou nos Invalidos, segundo os votos do governador e da administração. Este alvará, concedido por Luiz XVI (18 de julho de 1772), tornou-se o pomo d'uma guerra de dois annos entre as religiosas e Parmentier, que ellas até então haviam sempre estimado. Julgando-se no direito de não reconhecerem superior algum na pharmacia, as boas religiosas conceberam desde logo o plano de perder Parmentier. Como lhes faltasse razão ou via legal, lançaram-se na intriga, e tanto fizeram, que Luiz XVI, por muito fatigado de tanta trica, retirou o alvará a Parmentier (31 de dezembro de 1774), mas concedendo-lhe uma pensão egual aos ordenados do logar de que o privava, e a casa d'habitação que o governador lhe tinha dado. N'este ponto, reconheceu-se quanto o bom e fraco monarcha, não tendo bastante firmeza e coragem para se recusar a uma injustiça, se esforçava, ao menos, em a confessar, bem como pelo que disse no seu conselho d'estado: «Tal abuso não se daria, se eu fosse ministro.»

Ao que os outros chamariam uma desgraça, tomou Parmentier como uma felicidade, porque mais largo campo lhe ficou para entregar-se a novas investigações. Por esta occasião, a academia de Besançon poz a concurso uma memoria sobre as plantas que melhor podiam supprir os cereaes nas carestias. Parmentier concorreu e obteve o premio. As recordações da sua prisão e das batatas foram a origem da humanitaria descoberta de que até ao seu ultimo momento se occupou.

(Continúa).

É tão facil enganarmo-nos sem que por isso dêmos, quanto é difficil enganar os outros sem que o percebam.

Explicação do enigma do numero antecedente.

É no meio dos riscos que se conhecem os homens.

LISBOA — Typographia de Castro & Irmão Rua da Boa-Vista 1 P